

ABORDAGENS TEÓRICAS E PRÁTICAS EM PESQUISA

ORGANIZADORA

Giovanna Ofretorio de
Oliveira Martin Franchi

ISBN 978-85-7221-576-3
2026

*Dayane Laurentino de Oliveira
Edilane Carvalho Teles*

EDUCOMUNICAÇÃO E NEUROCIÊNCIA:

CONTRIBUIÇÕES PARA A
APRENDIZAGEM NA EDUCAÇÃO

RESUMO:

O presente artigo analisa a interface entre Educomunicação e Neurociência como potencializadoras dos processos de ensino-aprendizagem na educação básica, considerando experiências realizadas nos anos de 2022 e 2023. A investigação se apoia em projetos educomunicativos que evidenciam a utilização de mídias e tecnologias no cotidiano escolar, ainda pouco incorporadas às práticas tradicionais. Adota-se uma abordagem qualitativa, exploratória e participante, fundamentada na hermenêutica filosófica, com dados obtidos por meio de entrevistas e observação participante. Os resultados indicam que essas práticas favorecem aprendizagens significativas, engajadoras e integradas, promovendo o desenvolvimento cognitivo, emocional e social dos estudantes ao estimular memória, atenção e engajamento em ambientes educativos interativos.

Palavras-chave: educomunicação; pedagogia educomunicativa; neurociência; aprendizagem.

INTRODUÇÃO

A contemporaneidade é marcada pela presença intensa e contínua das tecnologias e mídias digitais na vida cotidiana dos indivíduos, inclusive no ambiente escolar, ainda que as instituições de ensino apresentem limitações estruturais que dificultam sua plena integração. Observa-se uma dissociação significativa entre a realidade midiática dos estudantes, permeada por animes, jogos eletrônicos, séries em plataformas de streaming e outras produções culturais, e as práticas pedagógicas tradicionais, que muitas vezes permanecem alheias a essas experiências. Essa lacuna evidencia a necessidade de uma abordagem educacional capaz de dialogar com os repertórios culturais e comunicacionais dos alunos, reconhecendo e valorizando suas formas de expressão, compreensões do mundo e modos de aprender.

No contexto escolar, os projetos educomunicativos surgem como uma alternativa inovadora ao integrar educação e comunicação, favorecendo processos de aprendizagem que consideram a diversidade de mídias utilizadas pelos estudantes (Soares, 2011a). Durante os anos de 2022 e 2023, experiências de Estágios Supervisionados e atividades extensionistas permitiram perceber que os discentes, ao interagir com conteúdos midiáticos cotidianos, demonstravam engajamento e interesse, o que indicou o potencial de tais práticas para tornar o aprendizado mais significativo. A Educomunicação, ao incorporar as contribuições da neurociência, especialmente nas relações entre emoção, cognição e aprendizagem, fortalece a capacidade de construir experiências formativas que estimulam memória, atenção e engajamento, promovendo um desenvolvimento integral do estudante.

A implementação de projetos educomunicativos também evidencia desafios relevantes para a formação docente. O domínio técnico das tecnologias midiáticas é necessário, mas insuficiente; é imprescindível que os professores desenvolvam habilidades críticas e criativas para integrar essas ferramentas ao currículo de forma ética e pedagógica. Além disso, torna-se essencial repensar a organização do tempo e do espaço escolar, priorizando práticas colaborativas, experimentação, escuta ativa e criação coletiva. Dessa forma, é possível construir ambientes educativos mais dialógicos, sensíveis às transformações socioculturais e capazes de potencializar aprendizagens significativas e engajadoras.

O presente estudo tem como objetivo analisar as percepções de três docentes acerca dos impactos e desafios da implementação de projetos educomunicativos em escolas públicas de Juazeiro-BA, à luz das contribuições da neurociência para o ensino e aprendizagem. O foco da investigação reside nas entrevistas realizadas com os professores, considerando os sentidos atribuídos por eles às experiências vivenciadas e às práticas educomunicativas desenvolvidas junto aos estudantes. Essa abordagem permite compreender não apenas o potencial das atividades, mas também os obstáculos e estratégias adotadas para sua efetivação.

Por fim, esta pesquisa busca contribuir para a reflexão sobre a integração entre tecnologia, pedagogia e neurociência no contexto escolar, oferecendo subsídios para o aprimoramento do processo de ensino-aprendizagem. Ao evidenciar a relevância de práticas educomunicativas fundamentadas em princípios neurocientíficos, o estudo aponta para a necessidade de políticas educacionais e formações docentes que valorizem a criatividade, a interatividade e o engajamento dos alunos, promovendo um aprendizado mais ativo, crítico e inclusivo.

DISCUSSÃO TEÓRICA

EDUCOMUNICAÇÃO E A INTERFACE ENTRE EDUCAÇÃO E COMUNICAÇÃO

A Educomunicação surge como um campo interdisciplinar que articula Educação e Comunicação, rompendo com práticas pedagógicas tradicionais, centradas na transmissão unidirecional de conhecimento. Ao mesmo tempo em que se inspira nos princípios freireanos de educação dialógica e libertadora (Freire, 2013), propõe um modelo em que alunos e professores compartilham experiências e constroem conhecimentos coletivamente, reconhecendo a diversidade cultural e histórica de cada sujeito.

Freire (2013, p. 91) enfatiza que "a educação é comunicação, é diálogo, na medida em que não é a transferência de conhecimento, mas o encontro de sujeitos interlocutores que buscam atribuir significados". A partir dessa perspectiva, a Educomunicação entende que o aprendizado ocorre quando há interação significativa entre os sujeitos, em contextos que valorizam a expressão e o protagonismo estudantil.

Soares (2011a, p. 23) reforça que, no âmbito educativo, a comunicação não é apenas um instrumento de ensino, mas se torna o cerne do processo educativo. Dessa forma, o uso de tecnologias e mídias digitais em sala de aula não caracteriza automaticamente uma prática educativa; o que define a Educomunicação é a natureza dialógica, participativa e contextualizada das interações entre professor e aluno.

A prática educativa implica a adoção de metodologias que promovam a participação ativa dos estudantes e incentivem

a reflexão crítica sobre o mundo. Kaplún (1999, p. 27) ressalta que o sujeito não deve ser moldado por mensagens prontas, mas deve construir ativamente o conhecimento a partir da interação com o outro e com o ambiente, enfatizando a importância da cooperação e da coautoria na aprendizagem.

Martín-Barbero (2003) contribui para essa reflexão ao destacar que os fatores sociais, culturais, religiosos e políticos devem ser considerados nas interações comunicacionais. A compreensão do espaço histórico-cultural do aluno é essencial para evitar a imposição de valores e garantir um processo educativo respeitoso e inclusivo. Freire (2013, p. 48-49) alerta que toda invasão cultural pressupõe manipulação e dominação, reforçando a necessidade de uma abordagem dialógica.

Nesse contexto, a Educomunicação propõe que professores e alunos aprendam juntos, reconhecendo que todos possuem saberes e experiências que podem contribuir para a construção do conhecimento. Freire (2003) argumenta que o aluno é um sujeito ativo, capaz de questionar e compreender a realidade a partir de suas vivências, e que o professor deve atuar como mediador desse processo.

O campo também enfatiza a importância de práticas pedagógicas que valorizem a expressão multimodal e a diversidade de linguagens. Baccega (1998) aponta que a Educomunicação absorve fundamentos das ciências humanas e sociais, superando barreiras epistemológicas e considerando o contínuo processo de mudanças sociais e tecnológicas, o que permite construir práticas educativas mais dinâmicas e inclusivas.

Segundo Soares (2011), a Educomunicação é um campo em constante evolução, capaz de integrar múltiplas disciplinas e de atuar como vetor de transformação social. A experiência latino-americana, especialmente entre 1997 e 1999, documentou práticas que viam a comunicação como eixo transversal da educação,

promovendo participação, inclusão e gestão democrática dos recursos informacionais.

A Academia Brasileira de Letras (2021) legitima o termo, reconhecendo a Educomunicação como um conjunto de ações que desenvolvem ecossistemas comunicativos abertos, democráticos e criativos, em espaços formais, não formais e informais, mediados pelas linguagens da comunicação, artes e tecnologias da informação, garantindo condições de aprendizagem e liberdade de expressão.

Portanto, a Educomunicação não se restringe à educação mediática ou à leitura crítica da mídia. Ela engloba práticas que integram diálogo, reflexão e ação crítica, promovendo a formação integral dos estudantes e fortalecendo habilidades cognitivas, socio-emocionais e comunicativas, essenciais para a construção de cidadãos participativos e críticos na sociedade contemporânea.

NEUROCIÊNCIA E APRENDIZAGEM

A Neurociência, como campo de estudo, vem proporcionando avanços significativos na compreensão do funcionamento cerebral e suas implicações no processo de aprendizagem. Há cem anos, o conhecimento sobre o cérebro era majoritariamente intuitivo, baseado em observações limitadas e interpretações subjetivas (Buchalla, 2004). Atualmente, pesquisas neurocientíficas, combinadas com estudos da Psicologia Cognitiva, oferecem evidências robustas sobre os mecanismos biológicos que sustentam a aquisição e consolidação do conhecimento.

Autores como Ausubel (1980), Piaget (1997), Vygotsky (1998) e Wallon (2008) abordam a aprendizagem sob perspectivas distintas, porém convergentes com os achados da Neurociência, especialmente no que se refere à construção ativa do conhecimento e à mediação sociocultural das experiências. Essas correlações

reforçam a importância de uma abordagem educativa fundamentada em dados científicos sobre o cérebro, capaz de subsidiar práticas pedagógicas mais eficazes.

A aprendizagem envolve alterações estruturais e funcionais no cérebro, manifestadas por mudanças nas conexões sinápticas e na plasticidade neural. Cosenza e Guerra (2011) destacam que essas alterações são fundamentais para que o aprendiz consiga consolidar informações, integrando-as a redes neurais pré-existentes. Assim, a aprendizagem não se restringe à memorização, mas envolve uma reorganização dinâmica do sistema nervoso central.

Com o avanço de tecnologias como Ressonância Magnética Funcional (fMRI) e Tomografia por Emissão de Pósitrons (PET/CT), tornou-se possível observar o cérebro em atividade, identificando áreas responsáveis por funções cognitivas, emocionais e de memória. Estes recursos permitem compreender como diferentes estratégias de ensino influenciam a atenção, a retenção de informações e a resolução de problemas (Relvas, 2012).

O entendimento da anatomia cerebral é fundamental para a prática pedagógica. O encéfalo, composto pelo cérebro, cerebelo, diencéfalo e tronco encefálico, interage de forma complexa, possibilitando funções cognitivas essenciais, como atenção, linguagem, memória e controle motor (Cosenza; Guerra, 2011). Cada região cerebral desempenha papéis específicos e complementares, reforçando a necessidade de abordagens educativas que considerem essas particularidades.

Herculano-Houzel (2002) estima que o cérebro humano contém cerca de 86 bilhões de neurônios, conectados por milhares de sinapses. Essa complexidade estrutural evidencia que o aprendizado é resultado de um processo contínuo de interação neural, influenciado por experiências, contextos socioculturais e estímulos ambientais. O estudo das conexões sinápticas permite identificar como o

cérebro integra e processa informações, oferecendo subsídios para estratégias pedagógicas mais eficientes.

A atenção é um elemento central no processo de aprendizagem. Luria (1991) descreve-a como a capacidade de selecionar informações relevantes para a execução de tarefas, enquanto Skinner (1972, 2000) enfatiza o papel do estímulo externo na orientação da atenção. Já Cosenza e Guerra (2011) classificam a atenção como automática ou voluntária, destacando sua função primordial na ativação de redes neurais durante o aprendizado.

A emoção está intrinsecamente ligada à aprendizagem, mediada pelo sistema límbico, que regula motivação, memória e comportamento (Spitzer, 2007). Informações com carga emocional tendem a ser retidas por mais tempo, e experiências significativas facilitam a consolidação da memória de longo prazo. Esse entendimento é essencial para práticas pedagógicas que visam engajamento e retenção duradoura.

A memória, por sua vez, é categorizada em explícita e implícita. A memória explícita envolve lembranças semânticas e episódicas, enquanto a memória implícita está associada a habilidades motoras e procedimentos aprendidos. Baddeley (2000) ressalta que a eficácia da aprendizagem depende da integração entre atenção, emoção e memória, fatores diretamente moduláveis por metodologias participativas e contextualizadas.

Funções executivas, como planejamento, flexibilidade cognitiva, controle inibitório e memória de trabalho, desempenham papel crucial no desenvolvimento acadêmico (Brown, 1987; Flavell, 1987; Green, 2001). Atividades desafiadoras, que estimulam resolução de problemas e autonomia, fortalecem essas funções, promovendo aprendizagem significativa e duradoura.

No contexto educacional, compreender os mecanismos neurobiológicos permite ao educador identificar dificuldades de

aprendizagem e adaptar estratégias pedagógicas às necessidades individuais, evitando interpretações equivocadas de comportamento ou rendimento (Lent, 2010). Esse conhecimento fortalece práticas inclusivas e personalizadas, integrando ciência e pedagogia.

A interface entre Neurociência e Educação evidencia que o ensino não é apenas transmissão de conteúdo, mas construção ativa de conhecimento, modulada por atenção, emoção e motivação. A compreensão dessas bases biológicas fortalece a atuação do educador, permitindo criar ambientes de aprendizagem mais estimulantes, colaborativos e efetivos para todos os alunos

METODOLOGIA

O presente estudo adotou uma abordagem qualitativa, de caráter exploratório, fundamentada nos princípios da hermenêutica filosófica. A pesquisa foi realizada em três escolas públicas de Juazeiro-BA, durante estágios supervisionados e atividades de extensão, com o intuito de compreender os significados atribuídos às práticas educomunicativas no contexto escolar.

Segundo Franco e Ghedin (2008, p. 108), “[...] a metodologia da pesquisa, na abordagem reflexiva, caracteriza-se fundamentalmente por ser a atitude crítica que organiza a dialética do processo investigativo; que orienta os recortes e as escolhas feitas pelo pesquisador”. Nesse sentido, a presente investigação buscou privilegiar uma postura analítica e reflexiva, orientando a seleção do material empírico e as decisões interpretativas ao longo do estudo.

Dada a extensão do conjunto de dados coletados, o artigo concentra-se na análise das entrevistas com três docentes participantes, priorizando suas percepções sobre os impactos e os

desafios da implementação da Pedagogia Educomunicativa, conforme delimitado nos objetivos da pesquisa.

A coleta de informações foi realizada em instituições que atendem diferentes níveis de ensino (Fundamental I, Fundamental II e Ensino Médio): Escola Municipal José Padilha de Souza, Escola Municipal Educandário João XXIII e o Complexo Integrado de Educação da Bahia – Campus Rui Barbosa. A observação participante constituiu a principal técnica, permitindo registrar interações, estratégias pedagógicas e respostas dos estudantes durante os projetos.

Para o recorte analítico deste artigo, entretanto, o foco foi direcionado às entrevistas semiestruturadas realizadas com os três professores, com o propósito de compreender suas interpretações sobre o processo educomunicativo. Em um caso específico, devido a restrições de saúde do docente, a coleta ocorreu por meio de questionário estruturado via Google Forms, assegurando anonimato e liberdade de expressão.

A participação ativa da pesquisadora no campo, como mediadora e observadora, reforça o caráter participante da investigação, evidenciando que não existe neutralidade na produção do conhecimento, uma vez que o pesquisador está inserido em seu contexto social e histórico (Habermas, 2012).

A análise dos dados foi realizada com base na Análise Textual Discursiva (ATD), que possibilita uma interpretação crítica articulada à complexidade do fenômeno investigado. De acordo com Galiazzi, Ramos e Moraes (2021, p. 88), “[...] é possível afirmar que ao envolverem-se com a ATD os pesquisadores percebem-se em um descolamento do explicar causal para o compreender na complexidade”.

O processo de análise seguiu as etapas de unitarização, categorização e construção de metatextos. A partir dessa sistematização, emergiram três categorias centrais: 1) conhecimentos docentes

sobre educomunicação; 2) impactos na aprendizagem; e 3) desafios para a implementação da pedagogia.

A articulação da hermenêutica filosófica com a ATD permitiu não apenas descrever os fenômenos observados, mas também interpretá-los à luz do referencial teórico, relacionando as práticas escolares com as contribuições da Neurociência acerca da atenção, emoção e experiências significativas nos processos de aprendizagem.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Considerando o recorte definido para este artigo, os resultados concentram-se na análise das entrevistas realizadas com três professores envolvidos em projetos educomunicativos em escolas públicas de Juazeiro-BA. O objetivo central foi compreender como esses docentes percebem os impactos e os desafios da integração entre educomunicação e neurociência no processo educativo.

Essa opção metodológica permite dar visibilidade à interpretação que os sujeitos fazem de suas experiências, destacando os sentidos atribuídos às práticas educomunicativas (Franco; Ghedin, 2008). Os depoimentos indicaram que a abordagem educomunicativa, quando articulada com princípios neurocientíficos, promove mudanças relevantes nas dinâmicas de sala de aula. Um dos professores afirmou: *"Quando vocês começaram o projeto partindo do que eles queriam, como vocês disseram, eles sendo os protagonistas, eles começaram a interagir e ficarem animados, agindo no emocional deles, e certamente influenciou na aprendizagem"* (Entrevistado 1). Essa percepção encontra respaldo em Cosenza e Guerra (2011), que associam a aprendizagem significativa à ativação de circuitos neurais relacionados à emoção e à motivação.

Além disso, os docentes relataram desenvolvimento de habilidades cognitivas e sociais entre os estudantes. Um deles destacou: *"Além de ampliarem seus conhecimentos sobre a história e cultura local, essas atividades estimularam o desenvolvimento de habilidades como pesquisa, expressão oral e escrita, e trabalho em equipe, ajudaram também na criatividade e raciocínio"* (Entrevistado 2). Esse relato dialoga com Fischer (2009), para quem a aprendizagem baseada em atividades promove não apenas aquisição de conhecimento, mas construção ativa de saberes.

Outro ponto recorrente nas falas foi a melhora na atenção e concentração dos alunos. Uma professora observou: *"[...] nesses casos que era trabalhado o cotidiano deles, eles conseguiam se concentrar e manter o foco, como uma atenção seletiva, de acordo com o gosto dos alunos"* (Entrevistada 3). Esse achado reforça Foz (2009, p. 172), que aponta a modificação das sinapses como fundamento da aprendizagem, evidenciando a importância de metodologias que despertem interesse genuíno nos estudantes.

Os docentes também notaram avanços na socialização e no engajamento emocional dos alunos. Um entrevistado afirmou: *"[...] tinha alguns que não interagiam com os outros na sala de aula, ficaram mais inclusos, sabe?"* (Entrevistado 1). Essa percepção converge com a teoria sociocultural de Vygotsky (1999) e com Spitzer (2002), ao apontar que a cooperação ativa entre pares fortalece comportamentos colaborativos e ativa sistemas de recompensa cerebral.

No entanto, os professores destacaram desafios à implementação da Pedagogia Educomunicativa, principalmente em função da resistência institucional e da ausência de formação específica. Um deles relatou: *"[...] a falta de apoio da própria gestão da escola, sempre que penso em trazer algo desse tipo e levo para a coordenação, é uma enxurrada de desculpas"* (Entrevistado 2). Essa situação exemplifica a permanência de estruturas escolares centralizadoras, conforme apontado por Martín-Barbero (2011).

Apesar desses obstáculos, os relatos indicam que a educomunicação contribui para tornar a escola mais dinâmica e acolhedora. Segundo um professor: “[...] *a escola tornou-se naquele momento um ambiente mais dinâmico e estimulante*” (Entrevistado 1). Essa visão dialoga com Soares (2011a), que entende a educomunicação como um caminho de renovação das práticas sociais, ampliando as possibilidades de expressão de todos os sujeitos.

Por fim, os depoimentos reforçam que a integração entre educomunicação e neurociência constitui uma estratégia promissora para práticas pedagógicas significativas. No entanto, como destaca Soares (2011b), tal transformação depende de intencionalidade e de políticas institucionais comprometidas: “[...] *a educomunicação não emerge espontaneamente num dado ambiente. Precisa ser construída intencionalmente*”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os resultados desta pesquisa evidenciam que a articulação entre educomunicação e neurociência constitui uma via relevante para a construção de processos educativos mais significativos, engajadores e alinhados às necessidades contemporâneas dos estudantes. A valorização dos interesses dos discentes e a escuta ativa mostraram impactos positivos no engajamento emocional, nas habilidades cognitivas e nas competências socioafetivas, corroborando os estudos de Cosenza e Guerra (2011) e Fischer (2009).

As percepções dos docentes revelaram avanços na criatividade, atenção, memória e cooperação entre os estudantes, aspectos que se relacionam diretamente com princípios da neuroeducação e com a prática pedagógica educomunicativa, fortalecendo ambientes de aprendizagem inclusivos e interativos.

A escola, ao se abrir para a experimentação e o protagonismo estudantil, torna-se um espaço de construção coletiva do conhecimento, ampliando as relações sociais e o engajamento dos alunos. No entanto, para consolidar tais transformações, é necessário superar barreiras estruturais, como resistência institucional e lacunas de formação docente.

Conforme alerta Soares (2011b), a educomunicação demanda planejamento, intencionalidade e políticas públicas que sustentem sua implementação como paradigma pedagógico inovador.

A experiência observada em escolas de Juazeiro-BA evidencia que, quando há comprometimento institucional, a educomunicação pode reconfigurar práticas educativas e fortalecer o papel dos estudantes como protagonistas do seu processo formativo.

REFERÊNCIAS

ABPEDUCOM. Conceito. Associação Brasileira de Pesquisadores e Profissionais em Educomunicação- ABPEducom, 2021. Disponível em: <https://abpeducom.org.br/educom/conceito/>. Acesso em: jun. 2024.

ANDRADE, Fabiana. **A pedagogia do afeto na sala de aula**. Recife: Prazer de Ler, 2014.

BACCEGA, Maria Aparecida. **Sujeito, comunicação e cultura**. São Paulo: Paulinas, 2011.

BACCEGA, Maria Aparecida. **Comunicação e linguagem**: discursos e ciência. São Paulo: Moderna, 1998.

BADDELEY, Alan. Memória de trabalho: uma visão geral. **Memória de trabalho e educação**, p.1-31. Elsevier, 2006.

BRASIL. **Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996**. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília, 1996.

BROWN, A. L. Metacognition, executive control, self-regulation, and other more mysterious mechanisms. *In: WEINERT, F. E.; KLUEWE, R. (Eds.). Metacognition, motivation, and understanding*. Hillsdale, New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates, 1987. p. 1-16.

BUCHALLA, Ana Paula. O cérebro devassado. **Veja**, São Paulo, ed. 1865, 2004. Disponível em: <http://veja.abril.com.br/arquivo-2002-2006.shtml>. Acesso em: 06 jun. 2023.

CARVALHO, Fernanda Antoniol. Hammes de. Neurociências e educação: uma articulação necessária na formação docente. **Trabalhos em Educação e Saúde**, v. 8, n. 3, p. 537-550, nov. 2010. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1981-77462010000300012&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 04 jun. 2023.

CITELLI, Adilson. Comunicação e Educação: implicações contemporâneas. *In: CITELLI, Adilson Odair; COSTA, Maria Cristina Castilho. Educomunicação: construindo uma nova área de conhecimento*. São Paulo: Paulinas, 2011.

CONSENZA, Ramon; GUERRA, Leonor. **Neurociência e educação: como o cérebro aprende**. Porto Alegre: Artmed, 2011.

FISCHER, Kurt W. **Aprendizagem e desenvolvimento cognitivo**. Porto Alegre: Artmed, 2009.

FOZ, F. B. Language plasticity revealed by electroencephalogram mapping. **Pediatric Neurology**, v. 26, n. 2, p. 106-115, 2002.

FLAVELL, J.; WELLMAN, H. Metamemory. *In: KAIL, R. V.; HAGEN, J. W. (Eds.). Perspective on the development of memory and cognition*. Hillsdale, New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates, 1977. p. 3-33.

GADAMER, Hans-Georg. **Verdade e método**: traços fundamentais de uma hermenêutica filosófica. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 1997.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Atlas, 2008.

HABERMAS, Jürgen. **Verdade e método**: traços fundamentais de uma hermenêutica filosófica. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2012.

HERCULANO-HOUZEL, Suzana. Você conhece seu cérebro? Uma pesquisa sobre alfabetização em neurociência pública no encerramento da década do cérebro. **The Neuroscientist**, v. 8, n. 2, p. 98-110, 2002.

KAPLÚN, Mario. Processos educativos e canais de comunicação. *In: CITELLI, Adilson Odair; COSTA, Maria Cristina Castilho. Educomunicação: construindo uma nova área de conhecimento.* São Paulo: Paulinas, 2011.

KAPLÚN, Mario. Processos educativos e canais de comunicação. **Revista Comunicação & Educação**, São Paulo: Moderna/ECA-USP, 1999.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. **Dos meios às mediações:** comunicação, cultura e hegemonia. São Paulo: Editora Loyola, 2003.

RELVA, Marta Pires. **Neurociências na prática pedagógica.** Rio de Janeiro: 2012.

SARTORI, Ademilde S. Inter-relações entre comunicação e educação: a educomunicação e a gestão dos fluxos comunicacionais na educação a distância. **UNIrevista**, v.1, n. 3, jul. 2006.

SOARES, Ismar de Oliveira. Educomunicação um campo de mediações. *In: CITELLI, Adilson Odair; COSTA, Maria Cristina Castilho. Educomunicação: construindo uma nova área de conhecimento.* São Paulo: Paulinas, 2011a.

SOARES, Ismar de Oliveira. **Educomunicação:** o conceito, o profissional, a aplicação contribuições para a reforma do ensino médio. São Paulo: Paulinas, 2011b.

SPITZER, Manfred. **Connessi e isolati. Un'epidemia silenziosa.** 1^a ed. Corbaccio, 2018.

SKINNER, B. F. **Ciência e comportamento humano.** 10. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

VIGOTSKY, Liev Semenovich. **A formação social da mente:** o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

VYGOTSKY, L. S. Obras Escogidas. **Problemas del Desarrollo de la Psique.** Tomo III. Madrid: Visor Distribuciones, 1995.

Dayane Laurentino de Oliveira

Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Educação, Cultura e Territórios Semiáridos (PPGES), Universidade do Estado da Bahia (UNE). Pedagoga. Integrante do Grupo de Pesquisa Polifonia (UNE).

E-mail: dayaneloliveira11@gmail.com

Edilane Carvalho Teles

Doutora em Ciências da Comunicação pela USP. Professora de Pedagogia e do Programa de Pós-Graduação em Educação, Cultura e Territórios Semiáridos da Uneb. Líder do Grupo de Pesquisa Polifonia (Uneb) e membro do Mediações Educomunicativa (ECA-USP).

E-mail: ecteles@uneb.br